

Brasil paga US\$ 1 bilhão de juros

TERÇA-FEIRA, 26 DE JULHO DE 1988

E, nos EUA, Mailson espera a aprovação de US\$ 1,5 bilhão ainda hoje para o País

MOÍSES RABINOVICI
Correspondente

NOVA YORK — O Brasil pagou mais US\$ 1 bilhão de juros a seus credores, ontem, e espera, hoje, "uma aprovação certa" de um empréstimo de US\$ 1,5 bilhão do Fundo Monetário Internacional (FMI).

"Obtivemos um apoio muito forte para a aprovação do programa econômico brasileiro", informou o ministro Mailson da Nóbrega, em Nova York, ao sair de um almoço que reuniu 21 banqueiros americanos, e os presidentes do Banco Central americano (FED), do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento e o segundo homem do FMI, Richard Erb.

O ministro Mailson da Nóbrega mostrava-se contente com o resultado de sua viagem ao Japão, Europa e Estados Unidos. Só parecia incomodá-lo, à véspera da partida para o Brasil, onde desembarca hoje, uma informação publicada pela Folha de S. Paulo, de ontem, segundo a qual ele teria dito, em Londres, no fim de semana, que "não há legitimidade política no governo Sarney para um novo choque".

Um momento, ele parou a entrevista coletiva à imprensa, em sua suíte do Hotel Intercontinental, para fazer um esclarecimento: "Gostaria de aproveitar para dizer que nunca falei pública e privatamente o que está nessa reportagem como declaração minha. As piadas, inclusive. Passei o fim de semana em Londres. Sábado fui visitar quatro amigos, dos quais três não são brasileiros. O quarto é o meu próprio filho. No domingo, almocei com o embaixador. Não sei de onde tiraram a declaração..."

Mas o governo Sarney tem condições políticas para tomar todas as medidas necessárias?, perguntou-lhe um repórter.

"O governo Sarney está tomando todas as medidas. Isto foi, ressaltado: a coragem do presidente em adotar as medidas na área do controle do endividamento dos Estados, num ano eleitoral. A suspensão, por dois meses, da URP, com todas as dificuldades. E a realização de cortes no orçamento de despesas que não as de salário, como subsídio do trigo e eliminação de incentivos fiscais."

"AMBIENTE"

John Reed, o presidente do Citicorp, maior credor do Brasil, parou para os repórteres, também ao sair do almoço oferecido pelo presidente do Manufacturers Hanover, John F. McGillicuddy. "O pacote é um bom negócio para o Brasil. Um bom negócio para os bancos. Um bom pacote", ele disse, acrescentando que ainda serviu para melhorar o ambiente — e acentuou "ambiente", palavra que falou em português.

Para Reed, porém, os bancos estariam lentos na adesão ao pacote de médio prazo, de US\$ 5,2 bilhões, concluído em junho. O próprio Citicorp teria oficializado, ontem, a sua adesão.

— O sr. sabia, ministro?

O ministro não sabia. Mas debateu a informação de que as adesões seriam pequenas, até agora, lembrando que muitos bancos deixam a decisão para o último momento — e o primeiro dos últimos momentos está se aproximando, dia 5 de agosto, que é até quando o Brasil está oferecendo uma taxa-prêmio de participação antecipada.

"Já tivemos adesões importantes, como a do Deutsche Bank, o mais importante da Alemanha" — explicou o ministro, acrescentando que deixou o almoço com os banqueiros com "o sentimento de que o Brasil conseguirá alcançar a massa crítica (a aprovação geral ao pacote, em escala mundial) num tempo menor do que o México, que levou 8 meses. "Talvez dois meses... Está é a impressão que

Dívida Externa
058
Reportagem 0249



Fernando Pimentel/AE - 13/1/88

Mailson diz que recebeu "apoio forte"

trago também da Europa", afirmou.

OTIMISMO

"O representante do FMI no almoço, Richard Erb, deixou claro que não vê razão para que o programa não seja aprovado amanhã (hoje)" — disse o ministro, muito confiante. O desembolso de US\$ 1,4 a US\$ 1,5 bilhão, emprestado por 18 meses, só ocorrerá, porém, depois que o pacote de médio prazo, com os bancos comerciais, estiver totalmente amarrado "em setembro", segundo os cálculos do diretor da Área Externa do Banco



AE - 28/5/88

Reed: bom negócio para os bancos

Central, Antônio de Pádua Seixas, que esteve com o ministro Mailson da Nóbrega, ontem, e partiu para Paris, onde seguirá a reunião do Clube de Paris, na quinta-feira.

— O FMI aprova o programa brasileiro apesar dos números da inflação chegando do Brasil?

"Apesar disso", garantiu o ministro, explicando que o interesse do FMI "é a perspectiva de longo prazo, e não um número acima do esperado, num determinado mês".

Figura central no clube das celebridades, o presidente do Comitê de Assessoramento dos Bancos

Credores, William Rhodes, saiu do almoço tão otimista quanto o ministro Mailson da Nóbrega sobre a rápida adesão dos bancos ao pacote de médio prazo. "Não temos dúvidas", disse.

O bilhão de dólares pagos ontem pelo Brasil, antes do almoço, cobrem juros de junho e até 15 de julho. "Estamos em dia", pode constatar o diretor da Área Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas. Essa é a primeira vez que isso acontece desde a proclamação da moratória, em fevereiro de 1987.